

## Considerações acerca da obra: o conquistador de Almeida Faria

Nilza Mara Pereira

Bolsista da CAPES - aluna do curso de mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/RS

O estudo da literatura dentro das temáticas que envolvem história, mito e identidade é importante para a compreensão destas relações. Segundo Bhabha<sup>1</sup>, é através da linguagem literária que surge a nação, espaço dessas narrativas. É através da sua disseminação que se constroem as significações e os símbolos que vão se associar à vida nacional.

Também Barker<sup>2</sup> afirma que é através da linguagem literária que se constrói a cultura, e que, para entender a cultura, deve-se explorar os significados produzidos pela prática da linguagem relacionada ao contexto.

É nesse ponto que, no mundo do imaginário, a literatura e a historiografia aparecem indissociáveis para construir juntas, como argumenta Leenhardt<sup>3</sup> a idéia que fazemos de nós mesmos e, a idéia que se faz de nação.

Dessa forma, a literatura torna-se importante não só pelo resgate da história, mas também porque só a narrativa literária pode assegurar um discurso não oficial. Há outros meios de comunicação que podem informar e até contribuir para a sustentação da memória, mas, de acordo com Simões<sup>4</sup>, a memória da alma de um povo só quem registra é a literatura.

Muitos escritores fazem referência em suas obras a eventos históricos; possuem, como argumenta Simões, um compromisso em não deixar se apagar a história. Agindo como interlocutores da sociedade, ficcionalizam aspectos que informam o leitor, proporcionam um contato com o passado e provocam uma ação questionadora necessária ao indivíduo que procura se encontrar no mundo em que vive.

Almeida Faria é um desses escritores. Inovador, faz em suas obras referências diretas e indiretas à história de seu país. Homem consciente dos problemas e das contradições que perpassam a sociedade, explora temáticas referentes às experiências humanas que, como observam Saraiva e Lopes<sup>5</sup>, nem sempre são compatíveis entre si.

O autor assume uma postura estética que revela uma forma particular de consciência histórica, produzindo o seu texto como um interrogador, o qual se constrói através de recursos como a intertextualidade e a ironia.

<sup>1</sup> BHABHA, Homi. Narrando a nação. In: ROUANET, Maria Helena. *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro: IL., 1997, p.48 – 62.

<sup>2</sup> BARKER, Chris. *Cultural studies and Discourse Analysis: a dialogue on language and Identify*. London: Sage Publications, 2001, p.04.

<sup>3</sup> LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra. *Discurso, História e Narrativa Literária*. Campinas, SP: Unicamp, 1998, p. 41 – 85.

<sup>4</sup> SIMÕES NETTO, Maria de Lourdes. *As razões do imaginário comunicar em tempo de revolução 1960-1990 A Ficção de Almeida Faria*. Salvador: FCJA: UESC, 1998.

<sup>5</sup> SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto, 1996, p. 1203.

Além disso, lança mão de estratégias relacionadas aos mitos que povoam o imaginário português, vinculando a história de ontem ao presente.

No momento que faz referência, em sua obra *O conquistador*, a D. Sebastião, rei de Portugal, aborda não só o elemento histórico, mas também o elemento mítico. Nessa abordagem, Faria<sup>6</sup> associa aspectos concorrentes à construção da identidade, tanto individual como nacional.

A obra refere-se ao mito por uma ótica diferenciada. Através de uma reflexão crítica entre o tempo em que a crença no retorno de D. Sebastião tornou-se evento significativo à cultura nacional portuguesa e o tempo presente, Faria realiza uma narrativa despida de propósitos sebastianistas.

Sua leitura efetiva o que Simões em *Transgressão e Conquista: O Conquistador*, 03/10/2003, denomina de dessacralização do mito. Segundo ela, o autor de *O Conquistador* retoma o mito sebástico sem subordiná-lo à vinda de um salvador, evidenciando a descrença no sebastianismo e a busca de outras formas de salvação.

A partir dessa busca, o autor introduz a questão da identidade individual; assim, o indivíduo, não mais esperando a salvação, passa a buscar o seu auto-conhecimento, suas próprias conquistas no decorrer da vida. Para isso, concorrem as experiências da personagem Sebastião, quando protagoniza o desejo do indivíduo de definição identitária; o percurso de sua vida sugere o caminhar de cada homem desde a infância até a fase adulta, ou, a procura pela identidade, a necessidade de identificação e pertença própria do ser humano.

*O Conquistador* apresenta uma narrativa autobiográfica. O narrador personagem (Sebastião) traça o seu percurso de vida, iniciando com as circunstâncias que envolveram o seu nascimento e tendo como ponto final o seu vigésimo quarto aniversário. Nesse entremeio, a personagem expõe suas experiências e memórias, suas dúvidas e incertezas, características constantes de sua busca: constituir-se como pessoa, consciente de sua função e posição na sociedade.

A construção da identidade da personagem implica uma série de relações ao rei D. Sebastião, figura histórica e mítica da nação portuguesa. Para efetivar essa ligação da personagem com o mito, o narrador utiliza estratégias que compreendem o fantástico-grotesco, a ironia e o imaginário. A forma como ele as articula ora aproxima a personagem da figura do rei, ora satiriza o mito da sua espera.

---

<sup>6</sup> FARIA, Almeida. *O Conquistador*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Assim, percebe-se que a personagem de Almeida Faria não possui uma identidade definida, pois além das dúvidas que perpassam sua origem, sua vida aparece interligada à vida de um dos reis de Portugal, do qual se espera, não só o retorno, mas a graça de reconstruir e ampliar o império português.

O nascimento da personagem, como quer a lenda do Rei Encoberto, ocorre na praia, ela vem do mar. Tal elemento está sempre presente ao longo da sua vida, a qual identifica-se com o mar, tendo uma forte atração pela água e outros aspectos marinhos. Tanto que o transforma em cenário para as suas fantasias e conquistas amorosas, servindo-se dele inclusive para atrair a atenção da mulher que vai apresentar maior significado em sua vida. Outro elemento constante na caracterização de Sebastião é o sintagma cama, indicando não só a sua tendência ao descanso físico, mas principalmente a sua aptidão à sexualidade precoce e excessivamente desenvolvida.

A obra dá bastante destaque à vida sexual da personagem, a qual ele teria descoberto desde a infância. Assim, essa tendência torna-se um aspecto recorrente na sua caracterização, sendo definidor da sua personalidade, não só como forma de realização pessoal, mas também profissional.

A questão sexual aparece já nas gravuras que antecipam os capítulos da obra de Almeida Faria. São gravuras grotescas que geralmente mesclam um aspecto referente ao sexo a aspectos relacionáveis ao cristianismo, ou à religião. Traçando uma interpretação ambígua para a sexualidade da personagem, a qual pratica o sexo naturalmente, mas parece ver nessa atividade uma espécie de repressão que não provém senão dela mesma.

Muitas vezes, a descrição das gravuras supracitadas encontra-se também no discurso textual. Quando isso ocorre, geralmente é através de sonhos da personagem. Aliás, o sonho constitui uma questão imprescindível para a construção da identidade de Sebastião. Esse fato contribui como representação imaginária da problemática existencial por ele apresentada, assim como para a sua referência ao mito sebástico.

Enfim, essa obra de Almeida Faria não possui um fechamento, fica em aberto o destino de Sebastião, que não consegue definir quem é, nem a função da sua existência. Prova do incansável questionamento que é a sua vida se apresenta no último capítulo do texto. Neste, através do isolamento do mundo, das reflexões acerca de sua identidade e das relações estabelecidas com o mito sebástico, a personagem explicita a necessidade de definir-se como pessoa e a consciência da sua inutilidade enquanto desconhecedor do que dele se espera.

Questão consonante ao que apresenta Castells<sup>7</sup>: o que define um ser humano é saber [...] tanto o que se está fazendo como por que está se fazendo algo [...].

Tendo-se em conta que a literatura é reflexo do homem, na narrativa de Almeida Faria delineia-se, através da fragmentação, a figura do homem isolado, conturbado e caótico de hoje. Como argumenta Simões<sup>8</sup>, a fragmentação serve como evidente recurso configurador de um mundo caótico, do qual o homem é o centro.

As personagens de Almeida Faria constituem meros símbolos, não são personagens delineadas, que vivem um drama a partir de um relacionamento. Elas são símbolos do isolamento humano, que se refugia em si mesmo, em seus devaneios, suas lembranças e seus sonhos.

Para ler sua obra, o leitor deve seguir o caminho da fragmentação, sendo conduzido ao mundo caótico e de sonhos representado na estória. É uma narrativa de procura e, segundo Simões, cumpre ao leitor encetar uma procura da narrativa.

O texto inicia com a história do nascimento de Sebastião, narrador personagem. Segundo sua avó, ele nascera de uma forma fantástica, fato que o diferenciaria das pessoas comuns. É já nesse primeiro parágrafo que se estabelece a busca constante na qual se apresenta a personagem ao longo da obra: sua ânsia de tornar-se sujeito ou, como melhor define Castells, um desejo de ser indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da sua vida individual.

Sua busca constitui-se, então, na definição de sua identidade, confundida pela presença de elementos que o interligam ao mito do sebastianismo.

Segundo Castells, assim se desenrola um processo de construção de significado com base em um atributo cultural. Os atributos que a personagem possui para se definir como pessoa são contraditórios e mesclam-se com as relações estabelecidas entre ela e o mito. A crença no retorno de D. Sebastião integra uma parte da identidade do povo português, uma vez que, nas palavras do autor, constitui fonte de significado e experiência de um povo, uma de suas definições para identidade.

Enquanto pessoa, a personagem vive momentos de dúvidas, intercalados pela paz de aceitar-se como quer que seja. No entanto, as questões sobre sua origem e missão a que é designada a acompanham constantemente.

Em seu texto, Castells propõe tipologias para o que chama de identidade, dentre elas está a identidade de resistência, a partir da qual o ator constrói uma identidade defensiva no

---

<sup>7</sup> CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 14 – 27.

<sup>8</sup> SIMÕES NETTO, Maria de Lourdes. *Narrativa Portuguesa Em Processo de Fragmentação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975, p. 23.

intuito de reverter os julgamentos de valor acerca de si próprio. Assim procede a personagem da obra de Almeida Faria. Diante da narrativa do seu aparecimento, recorre ao seu bilhete de identidade para se defender como indivíduo, porém a incerteza, característica da sua personalidade, a faz apreciar as circunstâncias em que teria vindo ao mundo. E o segmento Mas a verdade pode surgir da mentira repetida<sup>9</sup> mostra que, de uma certa maneira, a personagem reconhece as suas diferenças e acredita ser uma pessoa especial.

Esse fragmento exemplifica os argumentos de Leenhardt sobre os debates entre história e literatura. Para o autor, o efeito de crença deve-se mais à função imaginária, responsável pelo verossímil na construção da consciência individual e social que a uma suposta exatidão dos fatos.

Sendo o mito do Encoberto, a crença no retorno do Rei desaparecido em Alcácer Quibir, a tradução de um estado de espírito comum aos portugueses, o Sebastianismo assumiu posição de destaque na composição do caráter nacional do povo português.

Assim, as circunstâncias que antecederam o nascimento de Sebastião, uma terrível tempestade, e o estado em que se apresentava o ambiente no momento em que a criança foi encontrada faz com que as pessoas, relacionando-o a D. Sebastião, que nascera no mesmo dia, passem a divulgar o retorno do Rei. Aqui, mescla-se a identidade pessoal à identidade nacional, representada pelo mito. Segundo Santos<sup>10</sup>, na construção da subjetividade concorrem duas tensões, o que interessa aqui é aquela entre a subjetividade individual e a subjetividade coletiva. As atitudes e ações humanas exigem uma definição do contexto no qual ocorrem. Dessa forma, a identidade da personagem liga-se ao imaginário da nação portuguesa através da crença messiânica criada em torno do rei D. Sebastião. Nesse caso, a busca pela identidade implica, segundo o autor, a revalorização do irracional, do inconsciente, do mítico e do popular.

A personagem, admitindo seu gosto pelo desconhecido e pelo risco, identifica-se com a história do Rei, seu homônimo, e espera também, como o povo português o seu retorno, fato que lhe proporciona um sentimento de proteção quando das manhãs de nevoeiro. Sua identificação com D. Sebastião faz com que a personagem tema a morte precoce, assim isolando-se do mundo para pensar em seus atos na época do seu 24º aniversário, idade em que o rei teria desaparecido. A partir disso, constata-se mais uma vez a indefinição pessoa-mito. Para Bhabha, há estratégias de identificação cultural que funcionam em nome do povo ou da

---

<sup>9</sup> FARIA, op. cit., p. 18, § 14.

<sup>10</sup> SANTOS, Boa Ventura de Souza. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 7 ed. São Paulo: Cortes, 2000, p. 137.

nação. Assim, o narrador constrói sua personagem, relacionando-a à utopia sebástica cuja temática serve de objeto de uma série de narrativas sociais e literárias .

Sebastião não possui, na obra, uma identidade definida. Além das dúvidas que perpassam a sua origem, sua vida aparece interligada a aspectos da vida de um dos reis de Portugal, do qual se espera não só o retorno, mas a graça de reconstruir e ampliar o império português. Utilizando-se do que define Castells como identidade de resistência e vindo a personagem a considerar a idéia de ser a reencarnação de D. Sebastião, ela foge à responsabilidade que isso representaria. Dessa forma, ao imaginar que algo se espera dela, prefere ignorar os indícios que a remetem à identidade Real.

A partir do segmento Quando cresci e percebi que algo se esperava de mim, preferi, por instinto, fingir que não era nada comigo<sup>11</sup>, a personagem mostra não só a sua indiferença à pátria, mas também o seu desinteresse em tornar-se útil para qualquer causa. Assim constata-se o estratagema do narrador em apresentar uma personagem, não como modelo ou referência, mas, como argumenta Leenhardt, construir uma literatura onde a heroicização dispensa indivíduos excepcionais. Essa escolha não ocorre ao acaso, segundo o autor, este ponto liga-se a dimensões psicosociais da construção do indivíduo e da pessoa. Questão crucial na obra de Faria.

Depois, ao longo do texto, essa questão é melhor explicitada, quando a personagem se revela irresponsável e acomodada com sua predisposição para tudo que for relativo à cama e com a falta de assiduidade às aulas.

Referem-se a isso também a sua inconstância com as mulheres e o desprezo em servir à Pátria; em relação a qual a personagem possui um posicionamento bastante diverso ao do Rei que originou o mito messiânico em Portugal: Eu porém, por natural pacifismo, não estava disposto a matar inocentes, a perder mil e muitos dias e quem sabe se a vida. A minha missão específica, se a tinha, não se compadecia com guerras sem sentido. Não possuindo também o mesmo sentimento de nação que, segundo Anderson<sup>12</sup>, é concebida somente como companheirismo e fraternidade, permitindo que as pessoas matem e morram por imaginações tão limitadas.

Sabe-se, ao final da obra, que a busca de Sebastião não foi resolvida. Depois de percorrer 24 anos de sua existência, a personagem lamenta: Por muito que me agrade as travessias dos anos passados, sou obrigado a reconhecer que não me trouxeram senão ao

---

<sup>11</sup> CASTELLS, op. cit., p. 15, § 9.

<sup>12</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989, p. 16.

ponto de onde parti. E não me refiro só à geografia; o percurso por dentro ainda avançou menos. Continuo ignorando quem sou eu<sup>13</sup>.

Esse fragmento comprova a definição de Castells de que a autoidentidade não é um traço distintivo apresentado pelo indivíduo e sim uma construção”. Ou, nas palavras do autor: a identidade pessoal nada mais é que o próprio ser apreendido reflexivamente pela pessoa em relação à sua biografia .

Também Cuche<sup>14</sup> afirma que a identidade não é inata como querem os que a integram à segunda natureza, preexistente ao indivíduo. Para ele, a identidade depende de uma atuação social, na qual o indivíduo constrói e reconstrói constantemente a sua identidade no interior das trocas sociais.

No caso de *O Conquistador*, a construção da identidade da personagem principal relaciona-se a um aspecto importante da definição da nação portuguesa. De acordo com Cuche, para a psicologia social, a identidade permite a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Assim, a identidade social pode se caracterizar por um conjunto de vinculações a um sistema social, inclusive a uma nação. A indefinição pessoa-mito ressaltada na obra de Almeida Faria pode ser resumida pelas palavras de Bhabha<sup>15</sup>: o contar da história individual e da experiência individual não pode deixar de, por fim, envolver todo o árduo contar da própria coletividade.

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 126, § 7.

<sup>14</sup> CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 177-178.

<sup>15</sup> BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 200.